

EVA PERÓN: O PODER DA SEDUÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO PERONISTA

Raquel Paz dos Santos

Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil

Resumo:

O artigo analisa o imaginário construído em torno de Eva Perón durante o primeiro peronismo, entre os anos de 1946 a 1955. Através de um intenso trabalho voltado para a "ajuda social" das parcelas mais humildes da população, liderança junto aos trabalhadores e do movimento feminista a primeira dama converteu-se na figura emblemática de Evita, sendo santificada pelo regime. A força dessa representação produziu o mito do poder feminino na Argentina peronista se constituindo em um elemento central da memória social do regime.

Palavras-chave: Eva Perón, memória, peronismo.

Resumen:

El artículo analiza el imaginario sobre Eva Perón durante el primer peronismo, entre los años 1946 a 1955. A través de un extenso trabajo se centró en la "asistencia social" a los sectores más humildes de la población, liderazgo junto los trabajadores y el movimiento feminista la primera dama se convirtió en la figura emblemática de Evita, santificada por el régimen. La fuerza de esta representación produjo el mito del poder femenino del en la Argentina peronista y constituye un elemento central de la memoria social del sistema.

Palabras clave: Eva Perón, la memoria, el peronismo.

Abstract:

The article analyzes the imaginary built around Eva Perón during the first Peronism, between the years 1946 to 1955. Through extensive work focused on "social assistance" the most humble sectors of the population, leading with the workers and movement feminist first lady became the emblematic figure of Evita, being sanctified by the regime. The strength of this representation produced the feminine power of myth in Peronist Argentina constituting a central element of social memory of the system.

Keywords: Eva Perón, memory, Peronism

I. Introdução:

O presente estudo analisa a construção do imaginário político em torno de Eva Perón durante o primeiro governo peronista entre 1946-1955 com objetivo de legitimar as políticas do regime. Neste sentido, analisaremos as políticas culturais e a intensa propaganda ideológica utilizados para a projeção e santificação da figura de Evita levando a construção de um mito fortemente cristalizado na memória do movimento peronista e que ainda hoje possui grande expressão na cultura política

da Argentina. Assim, nossa discussão será permeada entre o embate entre a memória e a história, procurando fazer uma reflexão crítica dos fatos.

O artigo está dividido em duas partes. Primeiramente, analisaremos algumas políticas centrais na construção da memória do regime. Depois, refletiremos sobre as principais características do misticismo em torno de Eva Perón e sua importância na legitimação do projeto da *Nova Argentina*.

II. A construção da memória social do peronismo

De acordo com Félix Luna, em decorrência da euforia popular gerada pela prosperidade econômica entre os anos de 1946 a 1949, a "Argentina era uma festa" que parecia não ter fim, onde o povo experimentou as múltiplas formas de felicidade devido ao gozo dos prazeres materiais e a sensação de se sentirem "cuidados" pelo Estado:

O estado de felicidade se assentava sobre estes gozos materiais, mas também e fundamentalmente, na sensação de estarem protegidos, cuidados, por um governo que os pertencia, que era do povo e o dedicava suas preocupações, desde as seis e meia da manhã! Um governo que, por outra parte, não era uma intelectualidade distante, se encarnava em um homem e em uma mulher sorridentes, atrativos, esses jovens pais cheios de força e de ternura para com os humildes que (...) não haveria de trai-los nunca e que falavam em uma linguagem simples e compreensível. (Luna, 1987, p. 468)

A imagem emblemática dos governantes teve uma influência emocional muito grande sobre a população. O misticismo gerado em torno do casal identificava-o como o responsável pela "paz perpétua". Enquanto Perón era o gerenciador das mudanças, Evita constituía-se no elo de ligação entre ele e o povo, isto é, uma interlocutora de seus anseios. A cada aparição em público e, especialmente, no balcão da Casa Rosada relembra-se esta relação, sendo um momento de reafirmação simbólica de sua liderança.

A rotimização deste cerimonial político foi importante no sentido de introduzir nos indivíduos a ideologia do regime. O destaque para os símbolos do escudo nacional e do "escudito" contribuía para este objetivo. O primeiro associava o surgimento do Estado argentino ao movimento de independência, enquanto o segundo representava o "renascer" do país com o advento do peronismo.

A presença cotidiana de um governo próximo e amigo foi um sentimento muito forte no seio dos segmentos populares durante a vigência desses regimes nacionalistas na América Latina. Ao trazer uma nova concepção do político que ia de encontro com a cultura paternalista típica dessas sociedades, seus líderes obtiveram uma adesão popular sem precedentes, deixando marcas profundas na memória. Este, sem dúvida, é um fator significativo na análise da construção da memória social do peronismo, que talvez tenha sido o momento de maior expressão desse fenômeno e explique a intensidade dos sentimentos despertados nos argentinos, cristalizando-se em uma crença que passou a direcionar suas vidas.

As postulações de James Fentress e Chris Wichkam¹ nos ajudam a refletir sobre esta questão. De acordo com esses autores, uma tradição sobrevive porque se mantém adequada para o grupo, isto porque fatores de natureza sociológica, cultural, ideológica ou histórica contribuem para sua permanência. Na Argentina, este pressuposto foi fundamental na compreensão dos aspectos relacionados à consolidação do justicialismo como elemento integrante da tradição nacional. Sua aceitação se deveu, em maior ou menor grau, à conjugação desses fatores.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos entender que a peculiaridade do peronismo esteve ligada à sua capacidade de interpretar os sentimentos populares. Evita falava, enfaticamente, da sintonia entre presidente e os "descamisados":

"Descamisado". Este nome, que quis ser denegrado, envolveu como uma bandeira a obra do General Perón (...) Com seu líder, os "Descamisados" enterraram o passado dos velhos conceitos de um capitalismo egoísta e explorador, que fundava seu bem-estar na miséria do povo. Com seu líder, os 'descamisados' apagaram de nossa história política a vergonha da fraude, impondo o respeito à vontade cívica da Nação. Com seu Líder recuperaram o patrimônio coletivo e devolveram à Pátria sua autêntica soberania. "Descamisado" é a interpretação dos sentimentos do povo. (Perón, 1950, p. 81)

Em sua argumentação, a primeira dama deixa clara a intenção de pontuar a diferença entre o "antes", como o tempo da exploração do trabalhador, da fraude, e o "depois", como a era de justiça e honestidade, sendo o "descamisado" concebido como baluarte da nacionalidade. Essas imagens foram os pontos centrais do imaginário peronista.

A propaganda, por exemplo, ao referia-se ao regime de férias pagas instituído pelo Estado, destacava que havia permitido à classe trabalhadora conhecer e desfrutar de lugares de veraneio que antes somente podiam observar nas fotos publicadas nos roteiros turísticos. Foram construídos hotéis e colônias de férias com amplas áreas de lazer, nos lugares mais belos e cobiçados da Argentina, com o mesmo requinte e luxo dos que eram frequentados pelos ricos.

Não é difícil imaginarmos o impacto positivo desta política em meio ao operariado. Simbolicamente, ele estava sendo igualado aos "oligarcas", os "inimigos" do povo.

A força dessas mensagens nos ajuda a compreender a capacidade deste tipo de estratégia para estimular os indivíduos a apoiarem o projeto governamental. Passando a fazer parte das lembranças de um período no qual muitos acreditavam que uma justa distribuição da renda estava sendo realizada pelo governo em favorecimento dos pobres, ao passo que, seus exploradores estavam sendo "punidos". Assim, o Estado propunha uma "correção moral" da sociedade, sendo este um aspecto fundamental para instituição de outra memória que se contrapunha aos antigos valores, como era o caso do peronismo.

¹ JAMES, Fentress; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. São Paulo: Teorema, 1994.

Entretanto, apesar da insistência em afirmar que as políticas justicialistas tinham eliminado a exploração do trabalhador pelo capital, apontando como prova disso a elevação das remunerações e a concessão de uma legislação favorável, e outros benefícios que representaram um avanço social, tais medidas estavam longe de promover uma real distribuição de renda na Argentina. Estas políticas foram uma maquiagem da sociedade, isto porque não se operou uma verdadeira mudança de sua estrutura. Mesmo não podendo se negar que houve uma melhoria significativa da vida dos "descamisados", as parcelas mais ricas da população continuaram a serem as grandes privilegiadas, a propósito do que também ocorreu em outros governos "populistas" no continente latino-americano.

Em fins de 1949, com o início da crise econômica, a "festa" começou a apresentar sinais de que estava prestes a acabar. A princípio Perón pôde contar com uma enorme soma de divisas, pois o país gozava de uma boa situação financeira no pós-guerra, o que lhe permitiu estabelecer suas políticas sociais, porém o uso descontrolado desses recursos, visando conquistar o apoio da opinião pública (como foi o caso da Fundação Eva Perón que consumiu quantias vultosas em suas atividades assistencialistas), teve altos custos sociais como o aumento da inflação, elevação do custo de vida, queda da produção, causando uma gradativa diminuição no poder de compra dos salários. O governo sentia os primeiros sinais de fratura em sua principal base de sustentação, pois a insatisfação de alguns grupos trabalhistas levou ao surgimento de movimentos grevistas. Aproveitando-se desta situação, a oposição ampliou as suas críticas ao regime. A resposta a essas manifestações de descontentamento foi uma intensificação da repressão e dos mecanismos de controle sobre a sociedade com a ampliação do controle sob os jornais e revistas da época e perseguição aos segmentos opositores.

III. Evita: o mito do poder feminino na Argentina peronista

Concomitante à "Justiça Social", orientada por Perón, a primeira dama empenhou-se na execução da "Ajuda Social" para que efetivamente todas as mazelas de um tempo injusto fossem eliminadas da vida dos argentinos, possibilitando o estabelecimento da sociedade "harmônica". Evita esclarecia a complementaridade entre as duas propostas:

A felicidade de um povo, enquanto se refere a seus meios de vida, se logra com uma adequada legislação em matéria de "justiça social" e uma equitativa distribuição da "ajuda social". Porque resulta inegável que esta é complemento daquela. A justiça social julga a ordem dos seres aptos para o trabalho, posto que os que deixam de sê-lo, seja por acidentes, por enfermidade ou por causas que a lei contempla, não ficam jamais desamparados. A Ajuda Social, em compensação, vai dirigida a outro setor humano, que o Estado e a sociedade não podem ignorar. É um dever de solidariedade humana que supera todo o prejuízo. (Perón, 1950, p. 79 e 80)

Este trabalho humanitário foi definitivamente instituído através da Fundação Eva Perón. Este órgão foi fundamental para a consolidação desta imagem solidária e amiga do governante e da fabricação do mito em torno da figura da "Dama da Esperança", trazendo grande popularidade para o regime e o envolvendo de uma

aura mística gerando demonstrações apaixonadas de adesão ao regime pelos setores populares.

Sua criação estava relacionada à intenção de controlar a sociedade. Assim como os sindicatos mantinham o domínio sobre a maioria do operariado, a fundação promoveu a incorporação de setores sociais que estavam fora das estruturas estatais. No que se refere à formação da memória, a "Ajuda Social" desempenhou um papel crucial na impregnação do ideário justicialista no cotidiano das pessoas, enfatizando a autenticidade da "era peronista" e desprestigiando o período anterior.

Em seus discursos, Evita frisava que a Ajuda Social não se assemelhava às esmolas dadas pelos ricos hipócritas para se fazerem de caridosos, mas tratava-se de retribuir aos humildes o que lhes foi tirado injustamente:

Porque a esmola sempre foi para os ricos um prazer: o prazer desalmado de excitar o desejo dos pobres sem jamais o satisfazer (...) amiúde a hipocrisia chegava ao cúmulo de afirmar que aquilo era porque davam (...) por amor de Deus (...) Só faço devolver aos pobres o que lhes devemos, aquilo de que os havíamos despojado injustamente (...) Pretendo somente retribuir justiça e esta deve ser ministrada publicamente. (Perón, 1951, p. 189 e 190)

A preocupação em ministrar publicamente esta versão peronista de caridade, evidenciava sua relevância como instrumento de propaganda, talvez o mais bem sucedido. Eva Perón encantava as multidões paupérrimas que a procuravam diariamente na Fundação, pois tratava cada pessoa de forma carinhosa e mostrava-se sempre disposta a ajudá-la, nos mais variados problemas². Pedidos também eram feitos através de milhares de cartas enviadas à primeira dama.

Ao que tudo indica, a maioria das vezes, essas solicitações foram atendidas, sobretudo durante a época da "festa" devido à grande disponibilidade de recursos. Sua jornada de trabalho se estendia entre 10 a 12 horas por dia, muitas vezes, ela e seus assistentes ficavam atendendo ao público até altas horas da noite.

Apesar de Eva Perón definir os serviços prestados pela Fundação como uma "obra de amor", eles na realidade contribuíram decisivamente para a politização da vida cotidiana, pois somente usufruíam deles quem se sujeita a fazer uma manifestação explícita de apoio ao regime. Além disso, ao projetar a imagem carismática da primeira dama, ela teve uma relevante contribuição na constituição do imaginário político.

A sua ação justicialista se estendia por toda a Argentina. Uma lembrança que ficou eternizada na memória dos argentinos, foi à imagem de Evita em um trem percorrendo o país; a sua chegada em cada estação era esperada com grande entusiasmo, onde o povo lhe dava demonstrações de carinho e admiração. Nestas ocasiões, fazia eloquentes discursos engrandecendo as realizações de Perón e

² Vários relatos dizem que sua preocupação com os "descamisados" era tanta, que muitas vezes era comum deixar ministros, cardeais, empresários que iam conhecer a fundação, fazer doações ou com outras finalidades, ficarem esperando por longas horas, pois a prioridade era o povo que a procurava.

conclamando a população para lutar pela causa peronista, repudiando todos aqueles que a criticassem.

O trem era a representação de um Estado que fazia uma assistência direta à população, não importando a distância ou o isolamento em que se encontrava, suas carências iam ser supridas.

A figura emblemática da primeira dama torna-se uma peça chave da propaganda peronista. Ela era "uma ponte de amor" entre os argentinos e o presidente, que se dedicou única e exclusivamente à felicidade de seu povo:

Deixei de lado os meus sonhos para velar pelos sonhos dos outros; esgotei as minhas forças físicas para reanimar as forças do meu irmão derrotado. Minha alma o sabe, meu corpo o sente. Agora, ponho minha alma ao lado da alma do meu povo. Ofereço a vocês todas as minhas energias, para que meu corpo possa ser uma ponte estendida em direção à felicidade de todos. Passem por ela... Façam dela o caminho para o supremo destino da nova pátria. Dar-me-ei por inteiro. (Perón, 1949, p.48)

O ano de 1949, quando Evita faz este discurso, assinala dois acontecimentos importantes na Argentina. De um lado, a economia inicia o processo de recessão, obrigando o governo peronista a restringir sua política de privilégios aos setores populares, como já frisamos anteriormente. Por outro lado, ocorre uma reforma constitucional que aumenta ainda mais a repressão, numa tentativa de abafar o crescimento das manifestações por parte da oposição.

Diante desses fatos, segundo Julia S. Guivant³, para impedir um desgaste do regime, desenvolveu-se uma intensa propaganda personalista em torno da imagem de sua pessoa, o que justificava a retórica de Eva Perón, no sentido de despertar no povo confiança no governo, demonstrando o seu grande empenho em prol de sua felicidade. Para induzi-lo a confiar em seus argumentos, Eva procurou convencê-lo de sua amizade, revelando a sua prontidão em prestar serviços para aqueles que estavam sob seus cuidados. Esta intenção fica clara na seguinte frase: "Ofereço a vocês todas as minhas energias, para que meu corpo possa ser uma ponte estendida em direção à felicidade de todos." Ao apontar para a esperança de dias melhores, uma vez que o seu esforço buscava conduzir a pátria em direção ao seu "supremo destino", Eva, igualmente, inspirava segurança nos argentinos.

Neste contexto, iniciou-se o processo de sua santificação que foi intensificado após a sua morte. Era vista como uma santa porque dirigia uma organização "semimágica", capaz de resolver de imediato os problemas dos pobres. Dentre as muitas anedotas contadas pelas pessoas que a cercavam diziam que Eva, a "Princesa Samaritana", ao toque de seus dedos curava todas as enfermidades das pessoas por ela atendidas. Um caso surpreendente relata que ao ver uma jovem que tinha um dos lábios em parte comido pela sífilis, comoveu-se com esse estado e numa atitude de compaixão foi beijá-la, quando um de seus assistentes tratou de

³ GUIVANT, Julia S. *La visible Eva Perón y el insible rol Político Femenino en el Peronismo: 1946-1952*. Working Paper, 1986.

impedi-la. Ela prontamente o censurou dizendo que ele não sabia o significado do seu beijo.⁴

De forma semelhante, Marc Bloch⁵, em seu conhecido estudo sobre os reis da Idade Média, constatou que legitimidade e carisma dos monarcas da época eram mantidos devido ao fato de que seus súditos acreditavam que tinham a capacidade de curar os enfermos apenas com um toque de suas mãos, porque eram dotados de poderes sobrenaturais. Essas crenças em torno de Evita povoaram o imaginário social e conferiu-lhe uma forte devoção por parte de seus admiradores, reforçando a ideologia peronista. Esta representação foi sacralizada pela memória do regime.

Desta forma, a Fundação foi um dos instrumentos empregados para a criação de uma "religião política". A educação foi redimensionada para tornar-se um elemento central nesta proposta de atribuir um cunho fortemente religioso ao peronismo, sobretudo quando ficou explícito o confronto simbólico entre o Estado e a Igreja pela posse dessas representações.

Por essas análises, parece-nos que não podemos entender estas políticas de caráter reformista e assistencialista do governo Perón, senão como pano de fundo de um projeto de construção de uma cultura política fundamentada em um novo sistema de símbolos que deveria ser construída em todos os espaços da vida coletiva.

Quanto às repercussões das ações empreendidas pela Fundação Eva Perón na sociedade, cabe-nos algumas reflexões. Mesmo que essas práticas possam ter trazido alguns benefícios à população carente, não podem ser entendidas fora da ótica do maquiamento e do uso político da miséria, criando expectativas ilusórias entre os "descamisados", porém atendendo ao objetivo de estabelecer um amplo controle desse segmento social. Além disso, suas obras direcionadas às crianças, que segundo um dos principais *slogans* peronistas seriam "Os Únicos Privilegiados", também se mostraram insuficientes para atender as reais demandas deste grupo, se voltando mais para os objetivos de propaganda através da realização de campeonatos infantis e da distribuição de bicicletas.

Esta instituição que, segundo Eva Perón, tinha como objetivo promover a justiça para os humildes, deve ter causado indignação em muitos operários devido às doações compulsivas descontadas diretamente de seus salários pelos sindicatos e remetidas para a fundação. Houveram também casos de empresas que foram coagidas a prestar tal ajuda. Porém, vários empresários também doavam voluntariamente, na intenção de obter certos privilégios em suas atividades, pois o governo mostrava-se sempre de boa vontade para os que estavam dispostos a contribuir em sua obra social.

⁴ É clara a analogia desta história com a simbologia cristã. Além disso, o seu beijo em uma sífilítica tinha uma conotação especial, pois, trata-se de uma enfermidade que na cultura popular está associada a má conduta. Assim, além de enferma, a moça estava "condenada", porém quando Evita a beija não demonstrava somente o seu amor cristão, mas também a redimida dos seus pecados. Após numerosas repetições, esta história sofreu algumas modificações.

⁵ BLOCH, Marc L. Benjamin. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

Todavia, estas políticas lograram criar representações positivas da Argentina, passando a imagem de uma alegria e satisfação total através dos meios de comunicação, pois apesar de manifestações de descontentamento, uma grande parcela da população acreditava que estava sendo contemplada em seus anseios, por isso, a propaganda ideológica reforçava esta tendência da época.

Os jornais e revistas sob controle estatal não cessavam de exaltar as realizações e avanços sociais proporcionados pelo peronismo. Nestas propagandas, eram comuns os depoimentos de populares fazendo elogios ao casal Perón, como o da senhora Mazzeo:

Tenho três filhos (...) Nena, José (...) que vai à Escola da Fábrica aprender a ser torneiro, e outro de dezesseis anos, que trabalha em uma oficina mecânica. Ele ganha vinte e cinco por hora e eu também trabalho (...) Passo o dia todo costurando guarda-chuvas. Com isso mantemos a casa e, graças a Deus e ao general Perón, não nos falta nada. Claro, não falta a nenhum pobre. Já não é como antes. (Revista Mundo Peronista. Ano I, n.º 1, Buenos Aires, 15 jul. 1951, p. 21)

Segundo Maurice Halbwachs, certos acontecimentos marcam profundamente o "pensamento nacional" não apenas por terem transformado as instituições, mas também "porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conheceram pessoalmente as testemunhas." ⁶ Por isso, as recordações do empenho dos governantes argentinos em prol do bem-estar do povo, foi um elemento fundamental na construção da memória dos grupos peronistas, pois estas permanecerem, ao longo do tempo, vinculadas a um grupo de políticos, de trabalhadores e de outros seguimentos populares.

Paralelo à consolidação da "Justiça Social", a meta de um sistema harmônico e organizado, não poderia prescindir o estabelecimento de uma ética norteadora do comportamento de cada cidadão argentino para que não desviar-se dos princípios peronistas, tendo por fim último o enaltecimento da pátria:

Foram criadas no mundo numerosas instituições para defender a dignidade humana, como se pudesse ser o caminho lógico e natural para essa defesa. A dignidade, deve defendê-la cada um pelas suas próprias obras. Para assegurar essa dignidade é que queremos desenvolver nas massas argentinas um sentido exato da ética, dessa ética que indica a qualquer homem ou mulher até onde pode ir com suas inclinações pessoais, lembrando-lhe que têm uma moral a cumprir, uma família a defender e uma Pátria a honrar. A esta ética que traz o respeito pela tradição e pelos costumes, pela família, pela Pátria e honra pela Nação. (Peron, 1950, p.19)

O desenvolvimento dessa concepção de ética foi o alicerce da intensa atividade de politização ou "peronização" da sociedade visando a obtenção da

⁶ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 54.

"unidade espiritual" da nação. Como analisamos, a Fundação Eva Perón iniciou este trabalho através da integração dos grupos excluídos das esferas partidárias no projeto governamental. Deste conjunto, dois foram o centro das atenções: as mulheres e a juventude (crianças e adolescentes).

De acordo com Baczko, uma das atribuições dos imaginários sociais é organizar e controlar simbolicamente o tempo coletivo, por isso:

(...) intervêm ativamente na memória coletiva, para a qual (...) os acontecimentos contam muitas das vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram (...) os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro. (Baczko, 1992, p. 312)

Foi a partir desta perspectiva apontada pelo autor, que pautamos nossa análise a respeito da inserção destes novos atores na vida política, pois os ideólogos peronistas tinham conhecimento de que através das representações da *Nova Argentina* poderiam despertar-lhes "esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro", impulsionando-os, cotidianamente, a adoção de posturas e de valores em consonância com os interesses do regime. Nesta interação, estes grupos fomentaram um conjunto de crenças pelas quais se construiu a memória social do peronismo, sendo incorporada ao conjunto das tradições nacionais.

Neste contexto, é importante destacar a estruturação do Movimento Feminista sob a direção de Evita que estava associada a dois fatores básicos: a necessidade de ampliar a base política do governo através do apoio do eleitorado feminino que seria um reforço extremamente significativo, e ainda pelo fato de que as mulheres se transformariam em importantes simpatizantes da doutrina justicialista, levando-a para seus lares e influenciando a formação de seus filhos.

Além disso, elas representavam uma parcela expressiva dos trabalhadores que não poderia ser negligenciada.⁷ Esta mulher ansiava por um novo *status* social que lhe conferisse um papel mais digno na sociedade. A propaganda do regime teve habilidade em trabalhar com essa expectativa, ressaltando o intuito de Perón, que, com a ajuda de sua esposa, preconizava a necessidade de se estabelecer uma igualdade entre homens e mulheres:

Perón sabe que o homem somente pode realizar coisas completas com a ajuda da mulher, e ao colocá-la ao seu lado de igual a igual, Eva Perón, corrige o maior erro cometido pelos varões do passado: a odiosa discriminação feita ao sexo feminino (...) Eva Perón compreende com sua extraordinária inteligência e sensibilidade (...) que a MULHER é digna de compartilhar direitos e deveres de igual para igual com o varão.

⁷Segundo estatísticas levantadas pela CEPAL, em 1950, a população economicamente ativa na Argentina, correspondia a 56%, dos quais 23,15% representavam o pessoal feminino empregado nos diversos ramos de atividade.

A suposta divisão igualitária do seu governo com Evita, reforçava a representação do presidente argentino como "homem justo", e da primeira dama como prova de que a mulher estava apta a participar da política do país, por isso, ambos eram um modelo de conduta exemplar. Mais uma vez, eram referendados como os "grandes condutores" da nação.

Todavia, novamente o discurso peronista mostrava-se contraditório, isto porque não havia nenhuma intenção de estabelecer uma igualdade de fato entre os sexos. Tratou-se tão somente de uma estratégia para se desviar a atenção das feministas socialistas que buscavam uma maior aproximação das trabalhadoras. Intento que foi obtido com a consagração de Eva Perón como a defensora dos direitos das mulheres:

(...) Em frente como um soldado a mais das mulheres argentinas, para defender nossos direitos e para que no futuro nos reconheçam mais. É por isso, que velo por todas as mulheres desde minha modesta situação, para levá-las num futuro, um alívio, uma melhora, que será o fruto maior que poderá receber: o sorriso de todas as descamisadas (...) e por isso me coloquei ao lado delas como uma mulher do povo, e não ao lado dessas cem famílias que tem sido a desgraça de nosso país. Podem ter confiança mulheres trabalhadoras do país, que em Evita tem uma irmã, uma companheira que não viverá até vê-las felizes, a todas vocês. ⁸

Sua primeira grande atuação como feminista foi através de uma intensa campanha em prol do sufrágio feminino, organizando comícios em diversas partes do país e realizando pronunciamentos através das rádios e jornais, quando com um forte entusiasmo conclamava as argentinas a lutarem por este direito cívico, pois consistia "essencialmente em elevar a mulher à categoria de verdadeira orientadora da consciência nacional." ⁹

Ao se definir como "uma mulher do povo", lembrando frequentemente em seus discursos que "havia saído das filas desse povo trabalhador", opondo-se aos ricos impiedosos que eram "a desgraça de nosso país", Eva Perón conseguia sensibilizar as trabalhadoras e os demais segmentos populares de seu empenho por eles, pois a esposa do presidente tinha sofrido iguais males e ansiava pelos mesmos benefícios. Contudo, havia fortes críticas a ação de Evita por parte das lideranças feministas vinculadas ao socialismo, destacando que se tratava de uma estratégia conseguir a adesão das mulheres ao regime.

O voto feminino foi concedido por lei do Congresso em 1947. Ao incorporar a conquista desse direito às realizações do peronismo, atribuindo à atuação da primeira dama todo seu mérito, jogou-se no campo do esquecimento as três décadas de luta das socialistas em prol desta conquista, pois em momento algum foram se quer citadas. Novamente, constatamos a manipulação do passado na construção da memória social do regime.

⁸ Discurso pronunciado as mulheres trabalhadoras em 30 de novembro de 1946, em Tucumán. In: GUIVANT, J. S. op. cit., p. 18.

⁹PERÓN, Eva. "Discursos". In: GRANATA, Maria. *La valoración de la mujer en el peronismo*. Buenos Aires: Presidencia de la Nación. Subsecretaría de Informaciones, 1953, p. 10.

Um espaço fundamental para a organização das mulheres nos moldes da ideologia estatal foi o *Partido Peronista Feminino* (PPF), fundado em 1951. Mesmo que este tenha ampliado o seu espaço político de atuação, o seu papel tradicional era reafirmado, pois jamais deveriam afastar-se de suas "sagradas" atividades domésticas. Além disso, precisavam converter-se em "fanáticas" seguidoras de Perón: "Evita afirmava que ela era fanática, como a oposição a criticava incansavelmente, mas que isso se devia a sua entrega total ao peronismo e a Perón (...) o irracionalismo e o fanatismo apareciam como traços próprios da atividade política feminina." ¹⁰

Impulsionadas por estas políticas, as argentinas se tornaram provedoras de "auxílio social" e divulgadoras do novo "evangelho cívico": a doutrina justicialista. Imagens de mulheres eufóricas organizando comitês do PPF em suas próprias casas, empunhando a bandeira nacional e os símbolos peronistas, nos desfiles e outras celebrações, ou mesmo fazendo uma apaixonada defesa da doutrina nas vésperas das eleições presidenciais de 1951¹¹, passaram a fazer parte do cotidiano do país.

Estas mulheres fortemente identificadas com Evita, copiavam seu estilo de roupa, cabelo, acessórios, gestual, vocabulário. Todas queriam parecer um pouco com a "Grande Dama", que se tornou um padrão de feminilidade ideal e, portanto, almejado pelas argentinas. Ao lembrar a grande admiração que as mulheres filiadas ao PPF demonstravam por Evita, uma militante se recorda do hino que cantavam em sua homenagem nos desfiles cívicos:

- _ Foi maravilhoso! Cantamos um hino lindo que fizemos!
- _ Ah, o de Eva Perón!
- _ Eva, Eva Perón! Razão de uma marcha triunfal!
- _ Seu coração é uma fonte/ das delícias do coração!
- _ Por isso, é bom, seu nome pleno/ seu nome pleno/ Eva Perón!
- _ Nós passamos o desfile todo cantando.¹²

Conforme o dito, verificamos a relevância do movimento feminista na imagística do regime, no sentido de que se tornou um eficaz e potente instrumento de propaganda estatal. Apesar de submissa e marcada com expressões de fanatismo, a participação da mulher na política, associada à concessão de direitos civis, contribuiu para reforçar a crença do estabelecimento da justiça e felicidade coletiva com o advento do peronismo.

Embora, o objetivo da mobilização das mulheres tenha sido o seu "doutrinamento", esta incorporação, para além do discurso político, provocou uma importante mudança na percepção do seu papel na sociedade. Isto, sem dúvida, foi algo positivo, pois a mulher argentina pode dispor de uma legislação avançada para a época e, mesmo que em menor grau, colocar em questionamento certos padrões

¹⁰ GUIVANT, Julia S. op. cit., p. 47.

¹¹ Esta foi a primeira vez na história do país que as mulheres votaram. Como era de se esperar a maioria dos votos, 65% do total, foram para o Partido Peronista, garantindo a reeleição de Perón.

¹² BIANCHI, S. e SANCHÍS, N. *El Partido Peronista Femenino*. 2ª parte. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina, p.152.

culturais, em decorrência de sua maior presença no espaço público. Desta forma, a adesão ao peronismo ocorreu efetivamente porque promoveu avanços significativos para as mulheres, não foi ingênua ou simplesmente resultado de mera manipulação ideológica.

A politização da juventude ocorreu, sobretudo, através do sistema educacional, porém o peronismo buscou outros mecanismos de caráter informal para facilitar a sua incorporação: os torneios esportivos organizados pela Fundação Eva Perón e a revista "Mundo Infantil".

Segundo o discurso oficial, os participantes desses campeonatos eram um símbolo de "uma nova era" vivenciada pelo país:

Nos sentimos felizes de ter aqui este grupo de meninos argentinos, nos quais vemos as crianças de toda a Pátria. Este grupo não compreende simplesmente aos participantes do campeonato infantil, mas constitui o símbolo da nova era do general Perón, cujo lema é trabalhar incansavelmente pelo bem-estar e pela grandeza da Pátria, pela felicidade de todos os argentinos e pelo futuro da Nação, que está em vossas mãos, crianças de minha Pátria. (Perón, 1950, p. 70)

Ao recordarem dessas competições os argentinos lembravam que Evita sempre destacava a importância desses pequenos atletas que aos externarem alegria e empenho durante estes eventos simbolizavam o trabalho incessante do presidente pela felicidade de todos os argentinos e pelo futuro da Nação.

Opostamente ao que sucedeu nos regimes fascistas, o peronismo não reprimiu nem buscou apropriar-se amplamente dos centros de vida social. No entanto, criou instituições alternativas para ocupar os espaços de tempo livre, como foi o caso dos clubes escolares que visavam organizar competições e eventos culturais, envolvendo não somente os estudantes mas também a comunidade local. Estas atividades objetivavam a introjeção nos indivíduos dos valores morais e éticos defendidos pelo regime.

Desta forma, os clubes eram centros de propaganda política. Em sua grande maioria foram inaugurados pelo próprio casal Perón com grande pompa e destaque na imprensa. O fracasso desta política ocorreu devido à falta de recursos. Contudo, mostrou-se muito eficaz na impregnação do cotidiano argentino dos princípios justicialistas.¹³

Em conjunto com os CEs, no trabalho de politização da juventude, estava a revista "Mundo Infantil". Esta revista fez sucesso não somente entre as famílias simpatizantes do governo, mas também entre os pequenos jovens das classes

¹³ Desde o princípio a participação nos CEs esteve associada aos símbolos do regime. As crianças provenientes do interior eram recebidas por Perón e Evita na Casa Rosada e convidados para um almoço na casa presidencial. Nos meios oficiais (em particular no MUNDO INFANTIL) os participantes eram tratados como verdadeiras estrelas esportivas. In: PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón: propaganda, rituais políticos e educação no regime peronista (1946-1950)*. Buenos Aires: Ariel, 1993, p. 277.

médias. Através de desenhos e pequenas histórias procurava-se enfatizar as virtudes e méritos da política peronista, desmerecendo os governos antecessores.

A UES (União dos Estudantes Secundaristas) também tinha os mesmos objetivos dos CEs e realizaram atividades semelhantes, contribuindo significativamente na "peronização" dos adolescentes, despertando-lhes um exacerbado sentimento de patriotismo. É importante ressaltar que a intervenção na educação formal através de uma reforma pedagógica visava contribuir para projetar a imagem de um consenso na sociedade em torno do peronismo, ampliando gradativamente o cunho ideológico dos conteúdos escolares.

Quanto aos universitários, a tentativa de organizá-los através da CGU (Confederação Geral Universitária) não foi bem sucedida. Estes foram um dos principais focos de resistência ao governo. Perón não gozava de popularidade entre eles, a maioria proveniente das classes médias e dos setores antiperonistas.

Os empresários foram organizados através da Confederação Econômica Argentina (CEA). Apoiaram o regime em função dos benefícios proporcionados pelo regime devido ao grande crescimento do setor industrial e de serviços na Argentina.

Enfim, através da organização e doutrinação político dos operários (CGT), mulheres, juventude, empresários e também com a inclusão indispensável das Forças Armadas, que segundo Perón era a coluna vertebral de todo o sistema, procurou-se projetar no imaginário social a representação de uma "comunidade organizada", modelo ideal de sociedade, expresso na *Nova Argentina*, onde o criação e afirmação de uma cultura política, que legitimou simbolicamente o regime, introduzida no cotidiano dos diferentes grupos sociais levou à construção da memória social do regime.

IV. Considerações Finais

Analisar o imaginário peronista entre 1946-1955 é uma tarefa difícil devido à grande complexidade que envolve a formação dessa cultura política que tem passado por diversas transformações ao longo das décadas, sendo reinventada por diferentes grupos e tendências do Partido Justicialista. Assim, procuramos analisar alguns elementos políticos e simbólicos que foram fundamentais na construção da memória do regime, especialmente, o misticismo criado em torno da figura de Eva Perón que teve um papel central na criação desse imaginário uma vez era uma representação dos segmentos mais humildes da população que ascendia ao poder para supostamente promover a justiça social. Além disso, tinha uma postura ousada e inovadora para uma mulher do período, cristalizando uma impressionante tradição política indelével na história latino-americana.

Contudo, para além de toda a imagística criada pelo regime através de uma intensa propaganda ideológica, o peronismo ganhou espaço porque efetivamente trouxe relevantes benefícios aos trabalhadores como a elevação expressiva dos salários, ampliação da leis trabalhistas, direitos sociais, programou diversas políticas voltadas para a industrialização, educação, saúde, setor habitacional, entre outras, apesar de impor práticas autoritárias como a censura a imprensa e a

repressão aos setores opositores ligados a intelectuais e comunistas antiperonistas, além de membros da oligarquia rural. Sendo retratados nos discursos de Evita como "vende pátria", "inimigos da nação" que eram uma ameaça ao projeto justicialista de Perón.

Bibliografia

AVELINO, Yvone D., GONÇALVES, Adilson J. *"Eva Perón, a madona dos descamisados". O espetáculo como esperança...* In: Projeto História, trabalhos da memória: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Hist. do Dep. de Hist. da PUC/SP. N. 17. São Paulo: EDUC, novembro de 1998.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 5. Anthropos - Homem. Imprensa Nacional, 1992.

BIANCHI, S. e SANCHIS, N. *El Partido Peronista Femenino*. 2ª parte. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina, 1988.

BLOCH, Marc L. Benjamin. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural - entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1988.

CIRIA, Aberto. *Política y cultura popular. La Argentina peronista 1946-1955*. Buenos Aires: Ed. De la Flor, 1983.

CRUZ, María de la. *Por que Soy Justicialista*. Buenos Aires: El Ateneo, 1953.

DUJOVNE, Ortiz. Alicia. *Eva Perón*. Paris: B. Grasset, 1993.

_____. *Eva Perón: a madona dos descamisados*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ELOY MARTÍNEZ, Tomás. *Santa Evita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O romance de Perón: um retrato íntimo do poder*. São Paulo: Editora Best Seller, 1985.

FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

GRANATA, María, *La valoración de la mujer en el peronismo*. Buenos Aires. Presidencia de la Nación. Subsecretaría de Informaciones, 1953.

GUIVANT, Julia. *La visible Eva Perón, el invisible rol Político Femenino en el Peronismo*. 1946-1952. Working Paper, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JAMES, Daniel. *17 y 18 de Octubre de 1945: El Peronismo, La Protesta de Masa y la Clase Obrera Argentina*. Buenos Aires, Desarrollo Económico, 1987.

_____. *Resistencia e Integración. El Peronismo y la Clase Trabajadora Argentina*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990.

LUNA, Félix. *Peron y su tiempo. La Argentina era una fiesta*. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

NAVARRO, Marysa. *Evita, el peronismo y el feminismo*. In: Racionalidad del peronismo. Miguens, J. E. y Turner, F. C. Buenos Aires: Planeta, 1988.

NEIBURG, Federico. *Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo: Estudos de Antropologia Social e Cultural*. São Paulo: Edusp, 1997.

PERÓN, María Eva Duarte. *Mensaje a las Mujeres de América*. Subsecretaría de Informaciones. Buenos Aires, 1950.

_____. *La Palabra, el Pensamiento y la acción de Eva Perón*. Presidencia Subsecretaría de Informaciones: Buenos Aires, 1950.

_____. *A Razão de Minha Vida*. Rio de Janeiro: Edições Freitas Bastos, 1960.

PERÓN, Juan D. *El Proyecto Nacional - mi testamento político*. Buenos Aires: El Cid. Editor/ Fundación para la Democracia en Argentina, 1982.

PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos e educação no regime peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ariel, 1993.

Revista Mundo Peronista. N.º 1. Buenos Aires, 15 jul. 1951

ROUQUIÉ, Alain. *Poder militar y sociedad política en la Argentina. II: 1943-1973*. Buenos Aires: Emecé, 1987.

SANCHEZ, M. et. al. *Evita: imagens de uma paixão*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

SANTOS, Raquel Paz dos. *Nova Argentina: imaginário de uma nação*, 2001, 188p. (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Documento) UNIRIO, Rio de Janeiro.

SIGAL, Silvia e VERÓN, Eliseo. *Perón o muerte. Los fundamentos discursivos do fenómeno peronista*. Buenos Aires: Legasa, 1986.

TAYLOR, Julie. *Evita Perón. Los mitos de una mujer*. Buenos Aires: Belgrano, 1981.

TORRE, Juan Carlos (comp.). *EL 17 de Octubre de 1945*. Buenos Aires: Ariel, 1995.